

## Humor e Política: entrevista com Cristiano Botafogo sobre o Podcast Medo e Delírio em Brasília .

Silvana Gobbi Martinho<sup>1</sup>  
ORCID: 0000-0002-7052-7460

Rosemary Segurado<sup>2</sup>  
ORCID: 0000-0002-3910-4603

**Resumo:** Entrevista com o editor do Podcast Medo e Delírio em Brasília, Cristiano Botafogo, realizada pelas pesquisadoras do Núcleo de Estudos Pós Graduated em Arte, Mídia e Política da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - NEAMP/ PUC-SP. O entrevistado fala sobre a formação do Podcast, a parceria com o roteirista Pedro Dalto, os principais temas analisados, o que foi o governo de Jair Bolsonaro, o crescimento do canal, a Pandemia da Covid 19 e o que significa manter o podcast durante o governo de Luiz Inácio Lula da Silva, refletindo sobre as relações entre humor e política.

252

**Palavras-chave:** Política brasileira. Jair Bolsonaro. Podcast. Humor.

---

<sup>1</sup> Doutora e Mestre em Ciência Política na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pesquisadora do Núcleo de estudos pós graduados em arte, mídia e política (NEAMP). silgmartinho@gmail.com. <http://lattes.cnpq.br/7143685356987408>.

<sup>2</sup> Graduação, Mestrado e Doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pós-doutorado em Comunicación Política pela Universidad Rey Juan Carlos de Madrid(2008). Atualmente é professora e pesquisadora da Área de Política do Curso de Ciências Sociais e do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, professora da Escola Pós-graduada de Ciências Sociais. roseseg@uol.com.br. <http://lattes.cnpq.br/9397214841745174>.

**Abstract:** Interview with Cristiano Botafogo, the editor of the Podcast: Fear and Delirium in Brasília carried out by researchers from the Center for Postgraduate Studies in Art, Media and Politics at the Pontifical Catholic University of São Paulo - NEAMP/ PUC-SP. The interviewee talks about the formation of the podcast, the partnership with screenwriter Pedro Dalto, the main themes analyzed, what Jair Bolsonaro's government was like, the growth of the channel, the Covid 19 Pandemic and what it means to maintain the podcast during the government of Luiz Inácio Lula da Silva, reflecting on the relationship between humor and politics.

253

---

**Keywords:** Brazilian politics. Jair Bolsonaro. Podcast. Humor.

**Resumen:** Entrevista con el editor del Podcast Miedo y Delirio de Brasilia Cristiano Botafogo realizada por investigadores del Centro de Estudios de Posgrado en Arte, Medios y Política de la Pontificia Universidad Católica de São Paulo - NEAMP/PUC-SP. El entrevistado habla sobre la formación del podcast, la alianza con el guionista Pedro Dalto, los principales temas analizados, cómo fue el gobierno de Jair Bolsonaro, el crecimiento del canal, la pandemia de Covid 19 y lo que significa mantener el podcast durante el gobierno. de Luiz Inácio Lula da Silva, reflexionando sobre la relación entre humor y política.

254

---

**Palabras clave:** política brasileña. Jair Bolsonaro. Podcast. Humor.

Cristiano Botafogo, graduado em Letras e jornalismo, atuou por muito tempo como tradutor. A partir de 2019, ao lado de Pedro Dalto, passou a produzir e editar o Podcast “Medo e Delírio em Brasília”, pautando semanalmente o governo Bolsonaro. Afirma que editar o Podcast é o melhor trabalho que ele já teve na vida, pois permite a flexibilidade de conversar com vocês, folgar e ao mesmo tempo fazer algo que ama, que é trabalhar com áudio, podendo ter um posicionamento político e gerar minimamente uma influência.

**Pesquisadoras:** Como se deu a trajetória de transição do blog do Pedro com a eleição de 2018, do Jair Bolsonaro, para a formação da dupla que desencadeou no início do podcast em novembro de 2019 e como foi quando estourou, quando o número de visualizações foi significativo e se você lembra qual episódio que estourou?

**Cristiano:** O Pedro é publicitário de formação e eu sou jornalista de formação, mas eu nunca atuei como jornalista. Eu fiz faculdade de jornalismo, só que saí da faculdade de Letras para a faculdade de Jornalismo e acabei continuando na profissão, na qual eu consegui me estabelecer durante a faculdade, que foi de tradutor. Essa bagagem da escola de jornalismo ficou e o Pedro, que sempre foi rato de jornal e acompanhava muito as eleições, a política americana, no dia da eleição do Bolsonaro, ele, em um ato de raiva e desdém, criou o blog Medo e Delírio em Brasília: <https://medoedelirioembrasilia.wordpress.com/>

com/ que está no ar ainda, mas não está atualizado mais. Um amigo meu postou uma entrada do blog no Facebook, eu fui ler e falei, o cara escreve com uma profundidade, faz umas costuras interessantes. Falei: isso dá um podcast legal, eu já tinha um histórico com áudio, então já estava mais experiente na captação de voz e como edita a voz. Sempre tive essa brincadeira, essa coisa de fazer vozes, fazer personagens, mas nunca fui do teatro, nem nada assim, mas sempre tive essa brincadeira, assim como um engraçadinho de festa, sabe? Nunca fiz isso profissionalmente. O Pedro, muito laconicamente, me responde: assim faz aí.

Fui conversar com ele. E eu falei, “é sério? Você topa fazer mesmo?”. Me apresentei e tal, falei que já trabalhei com isso. E o cara: “não, super topo! Bora”.

Fiz um piloto que nunca saiu e que provavelmente consegue ser pior do que o primeiro episódio, que é

horroroso, porque é muito lerdo. A linguagem do Podcast foi se construindo com o tempo. Mas ele começou muito mais formal.

Não tinha tanto essa *vibe* irônica e engraçada. Eu fiz um piloto, mandei pra ele, aquele negócio todo mundo atrapalhado, atolado de trabalho, e falei, então vamos começar, vamos começar. Acho que foi dia vinte e tantos de novembro de 2019 que realmente começou.

Em março de 20, logo no ano seguinte, começou a estourar. Acredito que tem dois fatores ali que são muito importantes: um é que a gente entrou para a Central 3, que antes a gente era independente e tinha, sei lá, 100 ou 90 pessoas que ouviam. E a gente fazendo aquilo, sempre zero pretensão, assim, nunca fizemos plano de negócio. Então, como é que vai ser a sua estrutura em três meses? Quais são os APIs? Sempre foi completamente orgânico o que a gente fez.

A gente entrou pra Central 3 e começou a pandemia.

Em março de 2020, e eu acho que teve esse duplo fator, de a gente entrar para um *hub* conhecido de Podcasts, isso com certeza teve uma influência na quantidade de ouvintes. E a

pandemia que criou uma necessidade de conteúdo para as pessoas.

E nesse contexto a gente adotou uma postura extremamente crítica ao governo Bolsonaro. Foi uma época de muito mais polarização. Porque o governo começou a polarizar com coisas que eram impolarizáveis: a vacina, a saúde. Não, eu estou doente, eu posso contaminar você em nome da minha liberdade? E eu pensava: “não acredito que a gente está discutindo isso”. E o podcast virou um lugar de encontro das pessoas que não gostavam do Bolsonaro, para passar raiva e foi ali que a gente começou com o: “*Bóra passar raiva*”.

A gente foi se conhecer em outubro de 2020. Porque eu estava morando em São Paulo na época, e o Pedro no Rio. Eu ia bastante para o Rio, mas nenhuma das vezes que eu fui, a gente acabou se encontrando. Começou a pandemia em março e ficou todo mundo fechado. Só em outubro de 2020, na primeira queda, a gente foi num lugar aberto, assim, de máscara, dois metros de distância, álcool gel, toda hora. Até então era contato de internet, mensagem de áudio, texto, WhatsApp, chamada telefônica.

Agora falando de um episódio específico que eu lembro que estourou. Teve uma vez, logo no começo que a gente fez uma música que era o Bóra, do Mantovani, um maestro que falou que a música dos Beatles tinha sido composta pelo Adorno, pelo Horkheimer. Ele teve uma fala assim: “Oh, o rock ativa a droga, que ativa o sexo, que ativa a indústria do aborto”.

Eu ouvi isso e pensei: isso tem toda uma métrica de música, e fiz uma música meio *olodum*: “o rock ativa a droga”. Está no Spotify, essa música. E isso foi parar na Folha Ilustrada, acho que o Maurício Meirelles, não sei. E, foi a primeira vez que a gente apareceu em algum lugar assim.

E foi muito orgânico, a gente nunca fez propaganda, era o trabalho do Pedro no Twitter, que ele faz muito bem, publica muita coisa. E é a nossa maior rede, hoje em dia. Na época devia ter 20 mil, agora a gente está com 208 mil no Twitter. E foi esse trabalhinho assim de quem gostava ficou, além de uma prospecção de boca a boca. A gente ouve muito relato, claro que estatisticamente não significa nada, é só relato mesmo. Muita gente fala: “Pô, eu indiquei para todos os meus amigos, “catequizei” todos os meus amigos, enchendo o saco deles para

ouvir”. Eu acho, que do baixo da minha humildade, que é um Podcast diferente dos outros, é um noticioso despirocado, assim, então é um Podcast meio único no Brasil.

A velocidade da edição. Claro que tem Podcasts de conteúdo político, que são engraçados. Tinha o Greg News, tinha o pessoal com muita coisa de YouTube que faz isso. Mas acho que a gente tem uma edição meio rápida. Tem um pessoal que não gosta da gente, que fala que vocês são o programa do ratinho da esquerda. Achei maravilhoso.

**Pesquisadoras:** E como ficam os desafios em manter uma linguagem crítica e problematizadora no governo Lula e a possibilidade de serem apropriados pelo discurso da direita?

**Cristiano:** A gente não sabe se tem relação com a mudança de governo, né, porque a gente achava que a gente ia morrer. A gente pensou: acabou o Bolsonaro, acabou o Medellín, não vamos ter mais tanta coisa para fazer.

Foi uma grande ilusão, temos muito assunto, continua existindo a ameaça da extrema-direita e do bolsonarismo. Vimos em Copacabana, no Rio de Janeiro, teve também o evento da Paulista, eles são grandes, e é um movimento internacional.

E também encher o saco do governo Lula, Por mais que a gente seja um podcast engraçado, a gente é um podcast noticioso. E a função da imprensa, é questionar mesmo.

A temática das Forças Armadas sempre foi muito importante para o Pedro. E a gente vê: “não vamos falar do golpe de 64, não vamos reabrir a comissão de mortos e desaparecidos”, é passar pano para os militares. Não, temos que problematizar e cobrar sim. Não tem como ficar de timinho, de partido, de político. Nós somos o Podcast de esquerda e a gente faz críticas à esquerda do Lula.

Concluindo a pergunta, se há um receio de a gente ser instrumentalizado ao fazer crítica ao governo? Eu acho que não, a gente não vê isso acontecendo nas redes. A gente via, por exemplo, durante o governo Bolsonaro, nas questões da pandemia, que eu acho que foi o grande fator. E para mim é o maior absurdo da história recente do Brasil. Então, por exemplo, a gente fez algumas músicas sobre vacinas, sobre a vacinação infantil. Eu queria fazer um negócio que fosse meio mordaz para as crianças de um pouco mais idade, ali dos seus 10 ou 11, que já estão começando a falar umas porcarias, fiz um funk da vacina,

resultado, a prefeitura de Luziânia e uma prefeitura em Santa Catarina usaram. Um vereador foi na rádio e falou: “Um absurdo, isso que estão fazendo com os atletas, as crianças, obrigando esse experimento social.” Veio uma enxurrada de *bate* no nosso Instagram, por exemplo.

E eu só ia lá: *apagar o comentário*. Apaguei tudo no Instagram, não sei se dá ainda, porque eu nunca mais tive que apagar. Mas esses são pequenos momentos, que a nossa bolha encontra a bolha da direita. Recentemente a única coisa que eu vi foi uma live do MBL, era um pastor conservador, que volta e meia tá na mídia. Ele começa fazendo uma crítica válida, porque foi uma coisa que a gente errou mesmo, e que a gente depois, um ou dois episódios depois, a gente entrou no tema e avisamos que a gente errou, tentamos consertar no episódio seguinte. Mas, esse cara foi lá falar assim, “Eles não sabem nada, ficam falando coisas que não sabem”. E, de fato, ali a gente cometeu um erro, mas ele botou a gente numa caixinha que não é nossa. A gente pesquisa. Entendo a crítica, tanto que a gente consertou. Mas, normalmente vem com muito carinho, o que é impressionante Mas eu não vejo pessoas usarem postagens

nossas, pelo menos, não aparece muito pra mim, não.

**Pesquisadoras:** E como se dá o processo de seleção dos temas centrais de cada episódio? Essa pesquisa, como ela se dá, o que pauta vocês? Como ocorre a seleção dos entrevistados?

**Cristiano:** O Pedro que faz essa curadoria. Ele é um leitor voraz de jornal, a gente recebe muita coisa também, via rede social e depois, de um certo tempo a gente começa a ter mais contatos, pois passamos a ter uma certa projeção, isso abre certas portas, a gente começa a ter acesso a pessoas.

O Pedro lê, conversa, entende a importância de certas coisas, seleciona e começa a produzir um pré-roteiro. Faz certas pontes entre os assuntos. Por exemplo: eu li isso aqui nessa matéria, li isso aqui nessa outra matéria, conversei com um fulaninho sobre isso, para tirar uma dúvida sobre se é isso mesmo, se eu estou entendendo certo, se eu estou entendendo errado, fulano que é economista, especializado em petróleo, outro dia a gente estava falando disso. Ele vai selecionando e me entrega um pré-roteiro. Dependendo da minha pressa ou do meu humor, ou eu reviso tudo o que ele fez para ter um segundo par de

olhos ali também, porque às vezes na pressa escreveu o nome de uma pessoa errada, eu li uma coisa que ele não leu, então eu fico “Pedro, isso aqui eu vi uma coisa diferente disso aqui” e é melhor perguntar. Ou eu já saio gravando direto. E, se aparece alguma dúvida no meio do caminho, eu ligo para ele e a gente discute, mas o *streamlining* é esse. Ele não revisa antes de ir para o ar.

Quando a gente começou, eram quatro episódios por semana. E o Pedro ainda fazia cinco postagens do blog. Chegou uma hora que o Podcast começou a crescer e o blog ficou estagnado. Em um determinado momento eu vi que o Pedro estava sofrendo em produzir todo esse conteúdo, mas ele queria dar continuidade ao blog. Eu entendi que era meio que um projeto de cobertura do governo Bolsonaro inteiro em um nível de detalhe absurdo. Só que eu vi que ele estava em sofrimento. E falei: “cara, olha só, o blog tem, sei lá, 200 leitores e o Podcast tinha na época 30 mil, é melhor focar no Podcast, eu só estou preocupado com o seu bem-estar”. Hoje em dia a gente está com dois episódios na semana, eles são menos episódios, mas são maiores também. Normalmente, tem uma hora e dez,



O pessoal tem muito recorte, muito áudio externo. O Pedro consulta uma galera, o pessoal grava áudio. Grava de WhatsApp mesmo. E é legal, dá uma certa informalidade. Muitos dos áudios que a gente coloca, hoje em dia, já são áudios que o pessoal gravou para gente. Quanto menos leitura e quanto mais áudio, mais demora para editar. Porque tem que cortar. Eu corto todos os espaços vazios, para deixar o podcast mais ágil, mais rápido, mais a ver com a estética que a gente acha que foi construída ao longo do tempo.

**Pesquisadoras:** Às chamadas Vírgulas Sonoras aparecem como uma marca muito forte do Medo e Delírio. Como se dá esse processo de produção, ideia e tempo?

**Cristiano:** A raiz disso é porque no blog do Pedro usava gifs para ilustrar emoções. Então, às vezes acontecia um absurdo e ele botava um gif de alguém quebrando alguma coisa. E, quando a gente começou, o Pedro não fazia roteiro para o podcast.

Eu abria o blog dele, pescava algumas coisas, e às vezes lia direto, abria o site e ia lendo só. Esse negócio de que ele fazia um comentário e aí tinha um trecho de uma matéria, um comentário e um trecho de uma

matéria. Isso também vem lá do blog e aí as vírgulas começaram com os gifs que ele usava para transmitir certas emoções e vários desses gifs eram de vídeos que tinham áudio correspondente.

Então eu comecei a pegar esses áudios dos vídeos que estavam nos GIFs para traduzir. Com o tempo esse Chihuahua, virou um dragão gigante que saiu voando por aí e perdeu o controle totalmente.

Nossas principais referências são a agilidade de vídeo do Youtube, que tem muita inserção. Que eu acho que é um humor, mais até de uma geração da qual eu não faço parte. Que aliás nem é tanto nosso público, esse nosso público é mais galera de 30 e muitos, 40, 30, 40, 20 muitos até 40 e poucos, essa é a curva, né? E eu acho que também pelas referências culturais. Então, a gente põe o He-Man.

**Pesquisadoras:** As vírgulas criam um efeito de marcas, que quem é ouvinte do podcast,, muitas vezes, escuta ou assisti uma notícia em outros veículos de comunicação sobre o Lira, por exemplo, e já vem a vírgula do Medo e Delírio na cabeça. E a repetição dela também. Houve uma intencionalidade?

**Cristiano:** Não, aconteceu. É porque eu acho que na hora do Pedro fazer o roteiro e na hora da edição, a gente não é criativo 100% do tempo e você começa a ter certos caminhos mentais. Então, jogo em algumas caixinhas, a piada aqui é essa, ali a piada é outra.

Começa a virar uma espécie de repertório. A gente tem personagens que se repetem. Por exemplo: o locutor militar, que a gente usa desde sempre. A inspiração são aqueles locutores de documentário que até os anos 60 parecia que eram sempre a mesma pessoa. Às vezes, no governo Bolsonaro, quando era como se fosse tipo imprensa oficial, aí eu fazia, pois tem a referência do antigo. Ou quando era, no governo Bolsonaro imprensa oficial, usava o Lombardi, em referência ao SBT, a Semana do Presidente, que era uma puxação de saco. Tem a Neide, que é a fumante, que fica enfurecida com as notícias. Tem o senhorzinho do Clube Militar.

Obviamente, às vezes, a gente tem uma sacada boa e tal, mas tem esses caminhos, já vai meio que jogando nas gavetinhas. Já tem como se fosse uma fórmula, para as coisas acontecerem. E tudo bem, por que está funcionando.

**Pesquisadoras:** E você comentou que essa questão cômica, ela aparece um pouco sem querer, mas pela sua influência pessoal e o gosto, que foi aparecendo no próprio Podcast. Mas como você avalia a questão entre humor e política hoje?

**Cristiano:** Quando alguém me reconhece na rua, e fala: “Obrigado, eu só conseguia consumir notícias através de vocês na pandemia, era muito doloroso para mim, e eu acho que a pegada de humor de vocês dava uma leveza”.

E durante um tempo eu fiquei problematizando: “Será que eu estou tornando palatável uma coisa que deveria ser venenosa? Ou será que é só uma pílula que é difícil de engolir e que todo mundo tem que engolir porque é necessário que as pessoas saibam e eu só estou tornando ela mais fácil de engolir?” Eu concluí que era uma coisa boa.

Às vezes a gente está brincando com coisas que a gente deveria estar só furiosa, mas acaba transformando a raiva, o desdém em zoeira. Eu acho importante palatabilizar coisas que as pessoas não conseguiriam ouvir de outra forma.

Eu acho que a gente consegue fazer isso com algum sucesso, de conseguir

medir bem o que é zoeira, e o que é conteúdo.

Tem certas coisas que o ouvinte não vai entender, tem certos temas que vão passar ao lado, vai ficar só na piada, só na paródia, só na zueira, só na vírgula. E tudo bem. Alguma coisa a pessoa pega dali.

**Pesquisadoras:** O humor, pensado como uma prática de resistência aos avanços autoritários, ele aparece como uma possibilidade de se apoiar na coragem de dizer a verdade, mesmo que isso implique em problemas com o autoritarismo. E, nesse sentido, o humor pode romper uma barreira imposta pela desinformação e pela *fake news* resgatando uma verdade? Como que, o utilizar recursos humorísticos pode resistir a esse processo de um mundo contínuo de fake news?

**Cristiano:** Se eu posso falar que eu sigo alguma regra de humor, que eu acho válida, é não atirar para baixo. Somente atirar para cima, é esse humor que a gente busca fazer.

E tem tanto absurdo acontecendo. Acho que uma das coisas que faz o humor, é uma situação absurda, improvável, ou impossível.

E tem tanta coisa na política que é completamente absurda que é meio

que, ainda mais no governo Bolsonaro, isso era piada pronta. Fazer piada das coisas traz uma leveza ao comentário, que acho que já fazia o Jon Stewart lá nos Estados Unidos, o Oliver lá do Last Week Tonight, acho que a gente bebe um pouco naquilo, né? O Greg News também seguiu essa fórmula.

**Pesquisadoras:** Gostaríamos de agradecer sua participação e tempo.